

## duas fomas de beleza, duas cidades

Angelo Bucci

2009

publicação escola de arquitetura do SENAC

Editora: SENAC/Abílio Guerra

---

Angelo Bucci

Angelo Bucci, arquiteto formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (1987), professor de projetos de arquitetura da mesma escola, sócio do escritório SPBR arquitetos

Arrebatadora.

Assim se define aquela forma de beleza que dispensa a mediação da consciência para produzir o encantamento. Diante dela, tudo o que se sabe parece inútil, pois não há filtro, não há freio, não há como se opor ao seu efeito. Todo arsenal intelectual se vê desarmado, lucidamente reduzido aos pés de uma força superior, absoluta. Ela anula inclusive o tempo, alinhando-se com a idéia de eternidade; então, acontece que o tempo se desmancha e já não conta: um lapso é o bastante para que ela instaure o seu domínio em nós e, estranhamente, séculos são insuficientes para o desfrute que se passa a desejar.

Diante dela não se hesita, entrega-se, e para sempre.

Evoco-a apenas como modalidade, ou seja, para fazer ver seu mecanismo de ação. Dispenso, para efeito deste texto, as figuras femininas que a literatura celebrizou como a personificação dessa forma de beleza. Aqui quero menos, basta notar que ela pode se manifestar em outros campos menos divinos, outros corpos menos perfeitos. É o caso, por exemplo, das exibições da natureza onde, sintomaticamente, o tempo também parece não contar: o mar, as montanhas ou as estrelas no céu.

É por isso que, sobrevoando a cidade, ainda antes de o avião pousar e mesmo que você esteja olhando aquilo tudo pela primeira vez na vida, não tem jeito... o Rio de Janeiro tem uma beleza que lhe arrebatava. Você, como qualquer um, entrega-se a ela antes mesmo de pisar no chão e se manterá no alto depois de aterrissar.

O Rio de Janeiro é consenso.

\* \* \*

Contradição é São Paulo.

À primeira vista, a cidade o assusta. Você a nega, mas se resigna. Depois, talvez, você se arrisque a julgá-la, e a afronta. Então, você a pensa e, daí, lança-se numa luta para a qual não se pode dispensar nenhum recurso, pois ela demanda um empenho colossal: convoca a resistência física para além do seu limite e todo arsenal intelectual não basta para esse confronto desigual. Nessa batalha, o tempo se arrasta, pesa denso. A cada dia, você se sabe sobrevivente. O oponente não tem contorno e, assim, é impossível opor-lhe uma nítida estratégia de combate. Apesar disso, se você persevera, vê-se movendo com mais e mais desenvoltura por entre formas que não fecham. Vai se acostumando à inexistência das referências fixas de desenhos, vai aprendendo a se guiar pela fugacidade instantânea das imagens, que não se fixam nem nos deixam.

Então, inesperadamente, surge o encantamento. Você se descobre num ambiente cuja paisagem é dinâmica,

ela se faz e refaz continuamente pela soma de imagens que não param de explodir, é uma beleza crescente. Cada canto, nesse contexto onde parecia não caber desfrute estético, se enche de sentidos e, ao mesmo tempo, cada canto se mostra um fragmento, parte componente do todo. Em São Paulo, a beleza lhe cobra esse empenho. Ela exige, é verdade, mas depois o recompensa desmedidamente quando, por fim, a cidade se afigura em muitas belíssimas imagens simultâneas que se combinam todas elas, juntas, numa totalidade. Outra vez, aqui, há paralelos entre o encantamento que produz em nós a beleza da cidade e aquele que nos causa o mar, as montanhas ou as estrelas no céu. Mas, nesse caso, o paralelo não se dá pelo tempo e sim no espaço, ou seja, a noção pela qual eles se tocam não está no eterno, mas no infinito. A essa forma da beleza concretamente construída se poderia definir:

Monumental.

\* \* \*

É de vivência que se inunda o nosso olhar. Para um arquiteto, é desejável que o olhar se inunde, sobretudo, de encantamentos vividos, como preciosidades garimpadas na vida.

Antes de passar ao que segue, vale uma ressalva dobrada: nada, aqui, quer explicar. Não quer explicar as cidades. A idéia é apenas expor um aspecto, que, por sua vez, não dispensa, ou suplanta em importância, nenhum outro. As duas cidades ilustram aquelas duas formas de beleza. E isso só valerá se corresponder a sua própria vivência, ou seja, se você as vivenciou e se a dinâmica pela qual cada uma delas, cidades, lhe produziu o efeito de encantamento estiver conforme aqui descrito. Dobrada porque o que vem a seguir também não quer explicar obras de arquitetos. Apenas não quer deixar perder de vista que elas, as obras, estão informadas pela vivência. As melhores delas, sobretudo pelos encantamentos vividos.

Assim, faz sentido que o arquiteto Oscar Niemeyer, por consenso, diga recorrentemente que ele traz nos olhos as curvas sinuosas das montanhas e do corpo da mulher amada. Eu acredito no seu depoimento, acredito na verdade intrínseca do que ele afirma. Mas, para além disso, creio também no que ele não diz. Quero dizer, creio que ele recorre às duas coisas como metáforas para expressar aquilo que sente através de sua sensibilidade forjada pela vivência do Rio de Janeiro. E esta, por sua vez, imprimiu em seu imaginário os mecanismos de ação da beleza arrebatadora da qual ele, amando montanhas e mulher, se fez o nosso maior mestre. Nesse contexto, faz sentido também que ele se refira ao tempo como uma espécie de inimigo da vida. Pois, se diante da beleza arrebatadora o tempo se anula, é absurdo e inaceitável que ele, tempo, se apresente com peso concreto para oprimir implacavelmente a vida contra o inevitável. A surpresa, a que ele sempre se refere como uma meta almejada em seu trabalho, é outra vez verdadeira e sincera. Mas aqui também é preciso ouvir o que ele cala. Pois a surpresa é companheira inseparável do arrebatamento. Enfim, sua obra arquitetônica carrega essa beleza capaz de desmanchar o tempo e dispensar qualquer mediação para produzir o seu efeito; de candango a intelectual francês, ela, num lapso, nos arrebatou a todos.

Paulo Mendes da Rocha é, seguramente, o arquiteto cuja obra mais se deixou, deliberadamente, inundar de uma vivência paulistana. Aqui, em vez de sinuosidade, segmentos; em vez de curva, poligonais; em vez de continuidade, fragmentos. Mais que isso: em vez de unidade, totalidades. Para ele o tempo conta, dialogicamente, e lhe é fundamental ao encadeamento discursivo de que se serve para elaborar suas proposições arquitetônicas. Em vez de forma fechada, forma aberta; em vez de desenho, imagem. Ele, com

seu olhar inundado de encantos paulistanos, fez-se capaz de encontrar potência propositiva em objetos que pareciam desconexos; capaz de arranjar de modo novo peças aparentemente inertes; ou, de formular novas disposições espaciais possíveis e oportunas a partir das imagens que, aos seus olhos treinados, surgem sem parar na paisagem dinâmica da cidade. Enfim, fez-se um mestre na configuração de novas, e sucessivas, totalidades. Sua obra carrega essa forma de beleza, do tipo que cobra empenho para, depois, recompensar folgadoamente. Uma beleza que brota em fragmentos que reportam, todos juntos e ao mesmo tempo, ao todo crescente. De um modo, digamos assim, monumental.

\* \* \*

As formas de beleza têm regras, mas não limites de variações. As duas cidades, Rio de Janeiro e São Paulo, ilustram de modo exemplar a dinâmica de encantamento de duas delas: arrebatadora e monumental. Porém, não se iluda, elas também ilustram outras formas sem fim. Há que ter olhos. Aqueles olhos que se inundam de encantamentos vividos, eles as sabem perceber de um modo, por assim dizer, científico: sempre abertos, atentos, eles as identificam, classificam, eles as estudam a ponto de se tornarem íntimos dos processos pelos quais a beleza produz encantamento. Esse saber é o fio condutor da vida e das obras a que essas vidas se dedicam a construir. Quanto aos dois ilustres arquitetos, outra vez, não se iluda, eles são mestre de todas as formas de beleza, eterna e infinitamente.

Por fim eu lhe peço atenção para uma questão de sobrevivência humana.

Quando sentir que o ameaça um desastre iminente, não distraia; quando lhe sobrevêm aflições medonhas, não vacile:

Olhos abertos para a beleza do mundo.